

O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO II

Redacção -
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curitiba, 19 de Março de 1899

Assignaturas
TRIMESTRE 3\$000
Pagamento adiantado

Nr. 12



Saudades

A Edgar Linares

Lyrrios desabrochavam ao luar
silente da noute merencorea, per-
fumando o *excelsior* nebuloso com
dulcissimos effluvios narcotizantes.
Brumas lactescentes fluíam pelo Es-
paço, n'uma brancura immaculada
de esponsaes... e a lua de Maio,
algida e branca oscillava nas alturas,
brandamente... brandamente ..

Auras do Norte perpassavam tre-
neadas, murmurantes, por entre as
magnoleiras enfloradas, que farfa-
lavam, solfejando n'um sussuro
n'uma canção nostalgica. As
sonas dos cyprestes dilatavam-se
preçiosamente, miscibilizando-se,
como druidas somnolentes, enla-
çados por abraçamentos voluptuosos.

Longe, n'algun retiro nemoroso
de poeta ou apaixonado, tangem
em mandolins, queixosa *serenata*.

Branca, como uma estrella da
meia-noite, a mysteriosa Dathys,
invocava piedosamente, n'uma prece
angustiosa, algum sonho de virgem,
algum ideal de noiva soffredora. O
seu olhar... muito mais meigo que o
olhar magoado da *Stella d'Alva*,
erguia-se... erguia-se... demorada-
mente n'uma beatitude magna de
misera torturada; a sua voz... um
queixume angustioso, um lamento
prolongado, myxto de dor e de ironia.

Como eu sentia-me feliz, em tel-a
sorpheendido assim, n'essa confi-
dencia terna com as estrellas silen-
ciosas e as açucenas desmaiadas!

Si ella soubesse!... Si ella sou-
besse!...

Os seus cabellos louros, immensa-
mente louros, ondulavam suave-
mente por sobre a brancura das
vestes, como pallidos reflexos de
ouro sobre um campo de gelo.

E vagamente, como que sugges-
tionada: — Não sei porquê, mas
sinto ainda nas pupillas dos meus
olhos, o fogo dos olhares d'elle. Se!
pobresinha de minh'alma, vive eter-
namente chorando uma *esperança*
perdida nos abrolhos do Impossí-
vel... pobresinha de minh'alma!

Sempre, quando ouço os mando-
lins tangerem, soluçantes serena-
tas... como agora, sinto o grande
tedio dos vencidos avassalar-me a
alma, frio como um cadaver negro
como um tumulto. Então tenho sau-
dades; e clamo exasperadamente a
ultima illusão que desfolhou-se...
como uma *saudade*, petala por pe-
tala.

Se! Pobre de minh'alma, pobre
de minh'alma... — E suas mãos de
neve punham-se a tremer, como
uma petala de magnolia soprada
pelo Zephiro.

— Esperança! Esperança! dizia-
me elle n'um transporte delirante
ne parocysmo angustioso... balsamo
enganador, que não suavisa dores
como a minha. Se! de minh'alma...
ai de minh'alma.

Longe, n'algun retiro nemoroso
de poeta ou apaixonado, tangem uns
mandolins, queixosa *serenata*.

Branca, como uma estrella da
meia-noite, a mysteriosa Dathys,
desapparecia por atravez a sombra
do arvoredo, clamando exasperada-
mente: — Esperança!... Esperança!
... Se de minh'alma! —

1899.

VIRGOLINO BRASIL.



Os amores do Lourenço

Infiltrou-se na pelle do Lourenço,
Solteirão já coberto de botôr,
Lascando raios como um sol intenso,
O microbio do amor.

Meu Deus, como pulsava acelerado
N'aquelle peito o coração vencido!
Pudera! se elle nunca foi soldado
Do tyranno Cupido!

Um cego, um pobre cego de nascença
Que visse de repente a natureza,
Não acharia tanta differença
N'essa extranha surpresa!

«Por fim de contas, meu rapaz — dizia
O Lourenço, a correr d'aqui p'ra allí —
Por fim de contas tu achiste um dia
Assim nunca te vi!»

E, como é proprio sempre de quem ama
Vestir-se bem, e andar de flor no peito,
O meu heroe appareceu no drama
Como um dandy perfeito.

Porém, para o seu goso ser completo,
Faltava-lhe uma flor que poucos têm:
Era ser recebido sob o tecto
Que abrigava o seu bem.

«Pois heide olhal-a só de longe? Nunca!
Quero ver na primeira occasião
Se a bella tem nariz de fôrma adunca,
Chato, afilado ou não!»

Cumpre dizer aqui; era distante
A casa d'um da d'outro; e o pobre par
Só de janella, com ardor constante,
Podia namorar.

Mas... qual! nenhum amigo lhe apparece
Para o levar a casa do barão.
E em balde invoca, em fervorosa prece,
Uma apresentação!

«O unico meio — disse o desgraçado —
E' confessar por carta o meu amor,
Pedindo a um tempo, em bello arrazoado,
A mão d'aquella flor!»

Dito e feito. Depois de muita lucta,
De signaes que elle dava da janella,
A carta conseguiu, a carta astuta,
Ir parar as mãos d'ella.

N'outro dia, ligeiro como o vento,
Nas ruas começava a se espalhar
Que o Lourenço pedira em casamento
A creada d'um alto titular!

GARRONE.

PEROLAS (23)

A oração de um sabio

Newton, o sabio da historia admirado, n'uma scena estreita, um prodigio viu immenso: na queda d'um corpo a lei do mundo extenso e a gravitação assim descobriu extasiado.

Um dia, na margem do oceano, alli parado, com olhar calmo e sereno, mas intenso, do mar as vagas o perscrutar propenso, por amigos, em silencio, foi encontrado:

Ao descobrir-se, lhe perguntam os seus: a quem saudais vos aqui, neste momento? Respondeu-lhes: «á immensidade de Deus!»

Tão terna foi aquella contemplação, do sabio Newton, aqui o seu pensamento, a bella forma tomou de uma oração.

CONSTANTE COELHO



Credo politico

Creio nas eleições, que constituem uma divindade toda poderosa, creadora de logros e dependencias.

Creio no interessê, um só seu filho nossa perdição, a qual foi concebida pela falta de patriotismo, nasceu da pouca vergonha e augmentou-se com o indifferentismo dos que têm que perder.

Creio em nosso progressivo atrazamento que, preparado por meio de leis prejudiciaes, desceu ao inferno e subiu cheio de vitalidade a tomar assento á direita dos sanguessugas da patria, de onde ha de vir a prejudicar ou antes aniquilar inteiramente nossa honra e fazenda.

Creio no augmento de tributos para arrumação de afilhados, na illusão que nutre o innocente povo, na communição dos larapios, na repartição do dinheiro dos cofres publicos, na ressurreição do crime e na desgraça eterna. Amen.



Photo-Jumelle

19

Aspecto—Engenheiro Belga.

Profissão—Namorar a humanidade...

Divisa—Tudo pela vida.

LEOPOLDINO

Tiro ao alvo...

Não sei porque...mas na quaresma tento rimar e não consigo nem á páu... Culpado não será o enfastiento bacalhão?...

Eu supponho que sim... provavelmente a minha *musa* odeia—o loucamente.

Ora bolas quaresma! Sou forçado a escrever em prosa... Um poeta como eu já sublimado cahir desta maneira vergonhosa!...

Mas que fazer? Chorar amargamente? Fazer espalhafato? Isso não...um proverbio teaho em mente: «Quem não tem cachorro caça com o gato.» Já que fallei na quaresma seja ella o assumpto desta vez...

—Antigamente uma velha magricela casada com um parato portuguez me pegava no collo e me dizia com singular carinho: «nunca com «mettas filho uma heresia, nunca «te affastes d'este bom caminho. «Segue filhinho todos os preceitos «da nossa santa igreja, que assim «fazem os corações afeitos ao bem «e de ninguem tenhas inveja. Se tu «comeres carne na quaresma irás «para o inferno e serás logo trans- «formado em lesma e abominado «pelo Deus Eterno. Deus castiga «sem dó, severamente, aquelle que «disser um nome feio p'ra offender «sómente ao papae, a mãe ou a «qualquer. Quando homem tu fo- «res meu querido não danças que é «peccado... Quem dansa na quares- «ma é atrevido e pôde ser em Demo «transformado.»

Ora, eu creança em tudo acreditava o que é mui natural e minha avó em casa me contava que tudo era real. Fui me creando assim nesse costume...com medo de ser lesma eu já subi, da devoção, o cume e respeito de mais D. Quaresma. Não digo nomes feios a ninguem; não danso nem a páu e não fumo tambem e se como é só o triste bacalhão. Quando vejo um sujeito blasphemando fico muito zangado e bem ligeiro então vou me raspando de perto do damnado. Muita gente dirá que sou carola; que é muita devoção...mas eu que fui creado nesta escola, não a despreso não.

Vou findar esta *prosa* meus leitores...sem *musa* nada sou! E vós mui bem sabeis caros senhores que ella fugio, fugio, que ella azulou!...

PLUTÃO.

Madrigal

—Não te assustes... espera. E minha amada tremia.

—Vê bem... vê bem! Implorava, quasi a chorar, tremula e palida.

E eu a procurar, nos seus cabellos abundantes, a scentelha que se havia desprendido da estrella cadente que passára, em vôo, no espaço, acima das nossas cabeças unidas, quando passeavamos juntos pelas estreitas e perfumadas ruas de jardim florido.

—Vê bem...

E o coração de minha amada, feito para estremecer de amor e não de susto, pulsava precipitado.

Ah! porque lhe tocam dizer tamanha mentira, uma scentelha da estrella! Todos cercavam-n'a carinhosamente.

De repente quem, junto a mim, alguém que, desfazendo a cabelleira farta, procurava commigo a scentelha ciderea, riu e riram todos e minha amada, sem saber porque, desatou a rir tambem.

Mostrei-lhe a scentelha temida, um pyrilampo, amor! um inoffensivo pyrilampo! E' o insecto que, na noite, procurou a tréva e achou a dos teus cabellos... que melhor?

A culpa é tua unicamente tua — trazes a noite contigo e os pyrilampos innocentes podem lá saber que essa tréva é a tua cabelleira?

Deixa o pobresinho, para que illumine os cabellos... noit'a susse astros e dos vagalhões... e pebeijos, murmurei baixinho.

COELHO NETTO



Le mot de la fin

Eu quizera pintar-lhe isto, que sinto Desde a saudoza data d'esse ardente E duplo olhar que, simultaneamente Prendeu-me como ao encantado sinto.

Porém, não sei que extranho labyrintho Se me apresenta inopinadamente. Que, mais a idéa é clara e vehemente, Mala scenreia a expressão, e eu minto... e minto.

Até não poder mais. Então exausto, De, em vão pedir—ao insolente fausto Das imagens—o brilho extraordinario.

Colho nas minhas suas mãos de neve E, no verbo dos verbos—claro e breve, Digo o que falta em todo um dictionario!

Março de 99.

MARTINHO CHAVES

SONETOS (13)

Confiteor

Eu amo uns olhos, verdadeiro encanto,
São duas estrellas que espadanam luz,
Olhos capazes de tentar um santo,
Capazes mesmo de perder Jesus.

Olhos que valem d'um poema o canto,
Q'as creanças matam, que destroem a cruz,
Olhos que brilham, que reluzem tanto,
Como Arcturo nas regiões azues.

Olhos que pedem sanctuarios d'ouro,
Que valem mais do que qualquer thezoiro,
Onde a riqueza transparece a flux.

Olhos que pensam, que têm tino e sizo,
Olhos alegres como um parafuso,
Olhos capazes de perder Jesus.

HERMETO LIMA

Harpas

Ha alguns dias se me não falha a
memoria: eu disse que não sei fazer
versos, nem mesmo tenho, sequer,
o mais lisongeiro pendor para a
cousa.

E a verdade? Não julguem, toda-
via, que eu seja tão duro que não
sinta o entusiasmo que a poesia,
quando é vivace e pathetica, sóe
produzir em todo aquelle que tenha
razão, e alma, que em impressiona-
vel! É esse o que não quer
fôr. E este eu deixo a toca a scente-
tao meizante da harmonia.

Para a prova de que não sou
insensível ás bellezas metricas, abro
espaço, hoje, nesta secção a um
soneto que me foi enviado por um
rapaz que se dedica a esse difficil e
escabroso genero de poesia.

Não direi o seu nome; elle deseja
guardar o incognito.

DIVA

A J. Moraes

Para formar-te, ó flor mais bella e pura
Do que o lyrio que medra no vallado!
Deus esmerou-se e fez-te da candura
Das estrellas do céu immaculado.

Tirou da noute a horrída negrura
Uma parte subtil e tem formado
Os teus olhos vivaces... A' alva pura
Pedio p'ra tua face o tom rosado.

Tua plastica é rara e peregrina...
E teus labios, que exhalam fina essencia,
Lembram uma alvorada purpurina.

Anjo! Na ingenuidade e na innocencia,
De que veste do céu... de que és divina,
Tens um vestigio, uma reminiscencia!

EPAMINONDAS

Club dos
Constantes

A casa do Raniel, — quem não sabe
que falamos do poctastro? — a casa
do Raniel esta reduzida, ou elevada
a um moderno areopago.

Não ha tarde em que para ali não
convirja uma troça de sujeitos pun-
gibarbas. Que vão fazer lá? Isso é
o que não sabemos.

O que sabemos é que sempre os
vemos, olhos fitos no braço de ouro
pendente da fachada vidalesca, co-
mo uns neotericos adoradores do
bezerro de ouro...

Mas o que elles adoram não é o
braço, é outra cousa.

No coração de cada um delles ha
um altar, e em todos os altares a
mesma santa, o mesmo idolo.

E como não brigam? Lá isso não
sabemos.

Com que entãc a casa raniellesca
o ponto estrategico, onde os feli-
zardos vão dar uma sorte unica? E
todos elles serão correspondidos?

That is the question...

Sejam constantes; que a sua
constancia seja illimitada, e os dia-
bols podem ser todos felizes.

O que é impossivel neste mundo?
O Olmedo Netto prevê para logo o
expungir do vocabulario essa deses-
peradora palavra — IMPOSSIVEL...

Sejam constantes.

BENJAMINUS



Diario de bordo

5 de maio de 18...

Viajo para Barcelona. Que bello
tempo! Céu todo azul, pleno sol,
mar arrepiado pela viração — ondas
pequeninas de espumas alvas. Como
é bom estar a gente assim, de pé,
cabeça ao ar, aqui do alto, a vêr a
agua que a prôa corta, a vêr a cauda
branca, muito branca, que a popa
deixa.

Delicioso paquete, este, com as
suas quinze milhas por hora!

O commandante, um velho mari-
nheiro sympathico, grandes olhos
bondosos e energicos, barba ingleza
manchada de cabellos brancos, é da
mais alta correcção na *toilette* e da
maior distincção nas maneiras. To-
dos a bordo estão encantados por
elle. Palestra admiravelmente com
os homens, trata as senhoras como
um *gentleman*, beija amorosamente
as creanças.

Passamos as noites divertidíssim-
os. Faz-se musica. Senhoras can-
tam ao piano, acompanhadas pelo
maestro Canovas — um fino artista,
cubano de nascimento e festejadis-
simo em Madrid. Joga-se pouco. Pa-
lestra-se muito e ha entre os passa-
geiros dois esplendidos *causeurs*: o
jornalista Velasquez e o Barão de
Cypriani, rico fidalgo solteirão que,
pela vigesima vez, anda a correr a
Europa a matar o tedio.

Vem a bordo uma mulher encan-
tadora, uma senhora hespanhola que
está a viajar sósinha, ao que parece
muito recommendada ao comman-
dante. E' casada naturalmente e o
marido espera-a em Barcelona.

6 de maio.

O Barão conhece-a. Não é casada
— é viuva. O marido fôr a negociante
na America. Vai agora morar com
uma velha tia millionaria em Barce-
lona. Chama-se Consuelo.

6 de maio, á tarde.

Que olhos, santo Deus!
E que salero!

6 de maio, á noite.

O Barão apresentou-me a Con-
suelo. Conversámos muito os tres;
ficámos sós depois: — o Barão tinha
os companheiros de *lasquet* á sua
espera.

E' deliciosa, é extraordinaria, é
incomparavel esta viuvinha!

Sabe Espronceda de cor, adora
Campoamor, conhece alguns livros
francezes e — ó prodigio das damas
de hoje! — não gosta absolutamente
de Ohnet.

Quando sorri, que bocca! Quando
olha, que meiguice!

Decididamente o tal negociante
da America foi um grande poeta em
morrer.

7 de maio.

Tivemos hoje *soirée litteraria*.
Disse uns versos meus, feitos no
Brasil.

A' hora da «boa noite» Consuelo
apertou-me a mão longamente e
pediu-me que lhe escrevesse uns
versos no seu album.

8 de maio.

A's mil maravilhas!
O diabo é que o namoro está a
dar na vista. O commandante perce-
beu a cousa e observa-nos insisten-
tamente.

8, á tarde.

O immediato olhou-nos severamente quando nos iamós sentar á mesa do *lunch*. Um dos officiaes sorriu.

Ah patifes! Mas o melhor é não dar por achado. *

9, á noite.

Eu e Consuelo disfarçamos admiravelmente. Esta hespanhola representa melhor do que as dos theatros de Madrid!

Durante todo o jantar estive de namoro cerrado com a filha de um perfumista, uma rapariguinha magra e feia, muito palradora, sentada á minha frente.

Este estratagemma deve dar bom resultado. *

8, ás 9 da noite.

Estamos sob olhares impertinentes de todos os passageiros. De cada lado um risinho disfarçado, uma phrase cortada subitamente, um dedo apontando...

O Barão recommendou-me mais cuidado. E depois, batendo-me no hombro, piscando um olho:

—E' um mulherão!

9, á 1 da madrugada.

Um official de bordo passeia em frente a meu camarote.

Bandido!

10, á noite.

Até que emfim!
Entrei em Barcelona.

GASTÃO BOUSQUET.



Vaga de um carraseo

Está vago o lugar de carraseo de Madrid, diz uma folha hespanhola, e parece que para certos caracteres e certos individuos o lugar é appetitoso.

A mesma folha accrescenta á noticia da vaga que apresentaram-se com os seus requerimentos ao ministro de justiça 257 candidatos.

Na lista figuram 83 profesoress, quatro advogados e... um padre!

Que vontade de ser o vingador da lei e da sociedade!

A' genti Gracita

Meniga ditosa,
Ditosa Gracita,
Que noite formosa,
Que noite bonita.

Só duas estrellas,
Só duas ó flôr.
Que lindas, que bellas,
Que mago fulgor!

Que céo primoroso.
Que céo de encantar
Anjinho mimoso
Estou a fitar!

Eu fito com gosto
Um céo tão pomposo...
O céo é teu rosto,
Teu rosto formoso.

Teus olhos—creança,
As lindas estrellas
Da cor da esperança,
Que bellas, que bellas!

Que noite formosa,
Que noite bonita,
Menina ditosa,
Ditosa Gracita.

Um mascarado.



Visitas

O *Ideal* — Maranhão — Organ litterario e estudantal, 2º anno.

O *Juvenil* — Maranhão (Pico), litterario, critico e noticioso, pequeno formato, 1º anno.

A *Ceciliania* — Revista bi-mensal, que se publica em S. Paulo, sob a redacção dos srs. Julio Prestes, Francisco Moreira e Djalma Azevedo.

Esta bem impressa e sympathica revista, já caminha activa em o seu 3º anno de util existencia; o n. que temos a vista é o 48, trazendo no portico o retrato do jovem e esperançoso Mario Ortiz, muito nosso conhecido atravez de suas bellas producções poeticas.

A *Aurora* — Macahé (Rio), organ da sociedade «Nova Aurora».

O *Districto* — Estação de Anta (Rio), organ do povo, noticioso e commercial.

O *Artista* — Jornal de grande formato; com 37 annos de lutas; estrellas de primeira grandeza na imprensa diaria Rio-Grandense.

A *Meridional* — Revista Internacional, n. 1º, anno I, sob a direcção de Elycio de Carvalho. N.º numero estampa os seguintes tratos:

Cruz e Souza, Stephane Mallé Decio Villares e Puvís Chavannes.

Tivemos a grande satisfação de deleitar-nos no trabalho — A Estatua de Helme — producção de Rocha Pombo, o mais sublimado dos representantes das lettras Paranaenses.

Deparamos com alguma coisa do Sr. Felix Pacheco, a respeito do livro *Signos* do nosso patricio Nestor Victor.

O Felix, principia acreditando um Semi-Deus, e termina com injuria transformando o seu auctor do *Signos* em um *agaloado*. (Felix! Certo que a sua *comedia hedionda* com *altas preções* a critica, vem desfazer impressão produzida pela *olrada*.)

Ora... ora...

Permutaremos.

FOLHINA

Na praça Ti

O Tabellião, reconheceu a signatura de uma senhora.

engano escreveu

avessas, escreveu

—Reconheço a

feita na minha praça

para o ar.

No Restaurant Borsenha

Questão grammatical e culinaria

THALES GASPARET

GASPARET

Durante uma ceia volante:

—Gosto muito de sandwiches, mas não sei a que genero pertencem.

Ora essa! Ao genero alimenticio.

Não é isso. O que não sei é se devo pedir no buffet um sandwich, dois sandwiches ou uma sandwich, duas sandwiches.

—Pois façe como eu, que nunca peço menos de tres.

S A P O
A M A R
P A P A
O R A R